

PROCESSO No. 01450.001501/2007-52

INTERESSADO: Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE

ASSUNTO: Pedido de registro do Ofício das rendeiras de Divina Pastora SE



PARECER

RELATÓRIO

A inicial do presente processo é uma solicitação, datada de 20.11.2006, em que a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE, com o endosso da Secretária de Educação e Cultura da Prefeitura desse município, o Vice-Presidente do Conselho Municipal de Cultura e o Presidente de sua Câmara de Vereadores postulam o registro do ofício das rendeiras de Divina Pastora como patrimônio cultural imaterial. A anuência da comunidade de praticantes efetivos ou potenciais desse ofício se expressou nas 180 assinaturas recolhidas de fls. 214 a 395.

O processo foi aberto formalmente em 29.01.2007 e teve tramitação adequada, atendendo a todas as exigências legais. Notadamente, saliento o consistente Parecer Técnico de Silvia Maria Ferreira Guimarães, do DPI (fls. 497 a 509), que dá conta das questões de fato e mérito envolvidas e conclui por recomendar a inscrição do bem, agora identificado como "modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência este ofício em Divina Pastora/SE", no Livro de Registro dos Saberes (seguindo orientação da Câmara do Patrimônio Imaterial, conforme consta das memórias de sua 8a. e 10a. reuniões, a fls. 417 e 438-439). Na mesma direção vai a análise jurídica do Parecer da Procuradoria Federal no IPHAN, subscrito pelo Procurador-Geral Substituto Antonio Fernando Alves Leal Neri (fls. 511 a 531). Publicado no DOU de 24.10.08 (fls.532 e 533) o *Aviso* requerido pelo Decreto no.3551/2000, art. 3o., par.5o., não foram levantadas ressalvas à proposta de registro, pelos interessados, no prazo legal.

A instrução do processo, também no tocante aos levantamentos documentais, estudos e análises é muito satisfatória. Cumpre mencionar contatos diretos e continuados dos técnicos do Iphan e especialistas convocados com as rendeiras de Divina Pastora, não só em pesquisas de campo como, igualmente, em reuniões de esclarecimento e orientação. Há, ainda um excelente e abrangente estudo de autoria da antropóloga Beatriz Góis Dantas (fls.11 a 157). Há também um relatório complementar coordenado por Aglaé D'Avila Fontes (fls. 451 a 494).

Por outro lado, anexada aos autos, há abundante e esclarecedora documentação, notadamente:

- fichas de identificação das rendeiras e seu ofício
- 3 catálogos de exposições dedicadas à renda irlandesa de Divina Pastora ou em que ela aparece representando o artesanato de Sergipe.
- DVD Renda Irlandesa - Divina Pastora
- DVD Rendeiras de Divina Pastora
- 2 CDs de fotografias
- CD de publicações
- Excertos pertinentes ao tema, da Encyclopédie des ouvrages des dames (Th.de Dillmont) e de Rendas - Manual de Tecnologia (Nair Maria Becker)
- Caderno de debuxos (Riscos de Alzira para o Projeto de Artesanato Solidário 2000)
- Álbum Artesanato de Sergipe, Rendas e Bordados, Governo do Estado
- 2 artigos de Beatriz Góis Dantas (sobre transmissão do ofício de rendeira / metodologia de pesquisa em Divina Pastora e Poço Redondo).
- monografia de graduação em Administração da Produção, de Gracyanne Freira de Araújo, O trabalho das artesãs do município de Divina Pastora após o apoio do Conselho da Comunidade Solidária, UFES, 2002



Está, pois a solicitação de registro em condições de ser submetida à apreciação e deliberação do Conselho Consultivo

É o relatório.

O OBJETO DO PEDIDO

Para bem definir o objeto do pedido de registro em causa, é necessário caracterizar a atividade eixo de atenção (produção de renda), sua modalidade (renda irlandesa), seu foco de gravitação e irradiação (o município de Divina Pastora), seu histórico, os modos de organização do trabalho (incluindo técnicas e formas de interação social, a mão de obra e o circuito de produção e circulação) e, finalmente, seus usos e funções.

Renda irlandesa

Ao contrário do bordado, que se superpõe a um tecido de base, ou do crochê, que constitui um tecido fechado, a renda se caracteriza como um tecido de malhas abertas, cuja trama forma desenhos, constituídos por fios e, às vezes, fitilhos ou ainda cordões. Embora seja possível encontrá-la como peça de vestuário, normalmente é usada como adereço de roupas, peças cerimoniais, objetos de uso doméstico e similares.

Duas técnicas básicas distinguem os principais tipos de renda. Um deles é a renda de bilro (pequena peça de madeira que permite trançar fios, tendo como suporte uma almofada); também se denomina renda de almofada. O segundo é a renda de agulha, instrumento com o qual as linhas constroem as formas; alternativamente, as linhas podem ser substituídas por fitilhos. A renda irlandesa é uma renda de agulha em que o fitilho foi substituído pelo lacê, um cordão produzido industrialmente, achatado, sedoso, brilhante e flexível, com o qual as linhas do debuxo são efetivadas.



A peça fundamental para a execução das figuras da renda é esse debuxo ou risco, isto é, o modelo, molde ou gabarito executado em papel manteiga, superposto a um papel grosso e repousando numa almofada. O debuxo fornece *a priori* o percurso sinuoso, deixando espaços vazios a serem posteriormente preenchidos pelos pontos. Mas aquilo que constitui traço capaz de identificar de imediato a renda irlandesa entre as demais rendas de agulha (como a renda renascença, que usa um fitilho) é o lacê.

O que é paradoxal é que, como situação corrente, o debuxo e sua execução sejam realizados por artesãos diferentes, rompendo a imagem romântica da unicidade e autonomia da ação artesanal, por oposição à produção manufatureira ou industrial, mais se aproximando da condição atual do desenho industrial. Nada mais normal numa atividade viva, submetida à dinâmica social e suas contingências, em que se manifestam rivalidades, liberalidades, empréstimos e cópias desses riscos, segredos e publicidade, compra e venda, estocagem, imitação e inspiração haurida em manuais, revistas ou cursos e assim por diante. Por certo, a escala de valor das artesãs e o reconhecimento de algumas delas como mestras tem na originalidade e beleza dos seus próprios debuxos um parâmetro importante, mas não fundamental. Acredito, porém, que é no saber-fazer e não na concepção abstrata que reside a matriz de valor para a própria comunidade das rendeiras. Por isso mesmo, acredito que nos pontos é que se possa ter uma aferição do "fazer bem" a renda.

Os pontos são o preenchimento dos espaços livres no interior dos volteios que as sinuosidades do lacê delineiam. Aqui, também, há modelos tradicionais, que podem ser apresentados em verdadeiros mostruários, mas que também podem ser inventados, reciclados, combinados, tomados de empréstimo e assim por diante. É sobretudo nos pontos (e na sua nomenclatura: abacaxi, cocada, dente de jegue, boca de sapo, etc.) que podem ser encontrados alguns motivos ou atributos estilísticos que representem uma contribuição capaz de tornar brasileira essa renda de remota origem irlandesa. Mais que no debuxo, como já disse, suponho que os pontos servem para evidenciar a competência diferencial das artesãs, não só na concepção da figuração, mas sobretudo na qualidade da execução (harmonia e equilíbrio na distribuição dos pontos no espaço, seu ritmo, sua aparência filigranada, a limpeza etc.).

É no saber-fazer que se fundamenta a identidade do modo de fazer esta renda, ainda que em meio a transformações de vária ordem e escala. Darcy Ribeiro, ao falar da fixidez e da dinâmica da arte indígena, aponta que o conservadorismo dominante repousa no saber tribal que só pode reter o acervo total das experiências do passado pela repetição de cada item técnico, independente do processo acumulativo de pequenas alterações que, no entanto, preservam o perfil estilístico do grupo.



Foco de atenção e irradiação

Pesquisadores, agentes do poder público, as rendeiras e seus clientes, a população na cidade, no estado e no restante do país são unânimes em reconhecer que mencionar a renda irlandesa remete automaticamente a Divina Pastora, pequeno município de não mais que 3.655 habitantes em 2005 e 93 km² de área, situado na região central de Sergipe, no vale do rio Cotinguiba, a não mais que 39 km da capital do Estado, Aracaju.

O município, criado em 1938, desenvolveu-se a partir do povoado de Ladeira, cujas origens remontam ao final do século XVIII. A denominação de Divina Pastora se deve à devoção de origem ibérica, introduzida pelos portugueses em 1782. A Igreja Matriz de Nossa Senhora Divina Pastora constitui marco essencial da paisagem urbana. Construída no século XVIII, tombada pelo IPHAN em 1943, foi recentemente restaurada. Trata-se de um centro de peregrinação, que no terceiro domingo de outubro atrai quase 30 vezes a população estável, com romeiros vindos de todas as partes do Estado e de muitos outros estados. As rendeiras mantêm relações estreitas, seja com a devoção mariana (com pagamento de promessas muitas vezes associadas a seu ofício), seja com a peregrinação anual, participando do acolhimento dos visitantes e, por certo, aproveitando a oportunidade para dar a conhecer suas produções (mais que comerciá-las, num contexto considerado impróprio).

A região teve importância na atividade açucareira, do que dão testemunho três dezenas de engenhos, que entraram em decadência no final da década de 1940, mas que já vinham perdendo o fôlego desde o fim da escravidão no final do século atrasado. Hoje a cidade tem pouca expressão econômica e padece de escassez acentuada de oportunidades de trabalho, embora a exploração do petróleo desde a década de 1960 tenha ensejado o recebimento de *royalties*. Seja como for, a base econômica da cidade é reduzida -- o que dá realce ao comércio das rendas, como exceção.

As pesquisas realizadas encontraram rendeiras atuando nos municípios sergipanos de Areia Branca, Laranjeiras, Ilha das Flores, Riachuelo, Rosário do Catete, São Cristóvão e Santa Rosa de Lima. Em muitos casos, essa atividade se

deu pela intervenção direta de rendeiras de Divina Pastora. A irradiação desse centro é, pois, inegável, assim como seu papel de ponto de referência.



Histórico

São várias as versões correntes sobre a introdução da renda irlandesa em Divina Pastora, por volta do 1o. quartel do século XIX, nenhuma delas dispendo de documentação conclusiva a seu favor. A mais plausível diz que foi por intermédio de freiras estrangeiras que as filhas da aristocracia rural, nos conventos ou colégios, aprenderam a arte da renda. A plausibilidade da hipótese vem do fato de que é conhecido o papel dos conventos e colégios de freiras na Europa e nos países por ela colonizados, visando à formação da mulher das classes superiores nas artes domésticas -- com especial atenção à confecção do enxoval da futura esposa e à produção de ornamentos para o lar e para si mesma -- trata-se da mulher ela própria como ornamento, no dizer de Torsten Veblen, com o objetivo de trazer distinção para o chefe da família. Ora, há informação de que os enxovais foram, em Divina Pastora, as primeiras destinações desta atividade, que mais tarde passaram a ser encomendadas às rendeiras profissionais e que hoje não mais representam proporção de monta no cômputo geral. Por outro lado, circulou na região o original francês de obra célebre para o ensino das artes domésticas às senhoras: a *Encyclopédie des ouvrages des dames*, de Thérèse de Dillmont, cuja 1a. edição data de 1886. Várias edições se sucederam, como a de 1900 e a última, de 2000, tendo sido o livro logo traduzido e comercializado em 17 países -- onde também as freiras os utilizaram. Ao lado da tapeçaria, tricô, crochê, filó, macramê, bordados, etc. aí aparecem as rendas e especificamente a renda irlandesa, com informações técnicas e boa ilustração.

Por outro lado, também têm curso narrativas de uma genealogia de rendeiras que aprenderam com as freiras ou indiretamente com senhoras que com elas tinham aprendido. Como no caso das genealogias bíblicas, não importa o conteúdo empírico da linhagem, mas a percepção da existência de uma linhagem, sua continuidade e, portanto, a transmissão generacional de um saber-fazer.

Costuma-se associar o desenvolvimento da atividade à migração do campo para a cidade, em busca de alternativa de ganho por parte de mulheres necessitadas.

Organização do trabalho

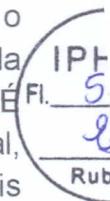
O atributo mais característico dessa atividade é o saber-fazer, portanto seu fortíssimo conteúdo corporal. O saber-fazer não é um conhecimento prático de natureza abstrata, puramente lógica. Ou um conhecimento *sobre* alguma coisa, sobre uma técnica, por exemplo. É fruto do que os especialistas chamam de memória hábito ou, então, de memória incorporada -- no sentido forte da palavra,

que implica numa mobilização daquele corpo que vai abrindo caminho para o cérebro. Ou melhor, reproduzindo as palavras de um dos pais fundadores da antropologia, Marcel Mauss, o homem é um ser capaz de pensar com suas mãos. É significativo que muitas rendeiras tenham declarado não gostar do uso do dedal, pois diminuiria a sensibilidade dos dedos, ainda que com risco de ferimentos. É mais significativo, ainda,

que, durante a execução de suas tarefas, elas nem precisem permanecer de olhos fixos no trabalho, mas conversem livremente, cantem, façam projetos, discutam preços e encomendas, troquem idéias sobre técnicas, debuxos e pontos, falem mal da vida alheia, manifestem afetos e desafetos, tratem de problemas de família e assim por diante -- além de sentirem prazer e gratificação na tarefa em curso e na previsão do ganho correspondente. Isto obriga a ver com outros olhos a hipótese de escolha da renda apenas por falta de alternativas: tal motivação (às vezes declarada) não é incompatível com confissões explícitas ou implícitas de prazer e gratificação nessa na produção.

Este saber-fazer, portanto, está mergulhado num riquíssimo e vivíssimo universo social, em que também se cruzam relações de parentesco, de compadrio, de vizinhança, de clientelismo, de competição, de classes de idade e escolaridade e outras segmentações sócio-econômicas. Vale a pena notar que, atualmente, a atividade de rendeira não é de tempo integral, embora componha o cotidiano: mais da metade delas são professoras, funcionárias públicas (municipais principalmente, mas também estaduais e federais), mas não é no contexto dessas ocupações e sim na produção da renda que desenvolveram essa rede de relações densas acima apontada. É também na produção da renda que alimentam sentimentos de solidariedade e de pertença e sua identidade pessoal e coletiva. Aliás, muitos especialistas, no estudo histórico da renda, a tratam como fator por excelência de constituição do feminino. Na linha do exposto, creio que esse particular potencial identitário se explica precisamente pelo caráter altamente corporalizado do saber-fazer envolvido -- trate-se de identidade feminina ou masculina, é bom acrescentar. Aliás, se em Divina Pastora a quase totalidade da mão de obra é feminina (a exceção conhecida é um reputado desenhista de debuxos em Aracaju), a Etnografia registra em outros lugares, vários casos de presença masculina nessa atividade.

É necessário, enfim, apontar a existência, nos grupos de artesãs ou mesmo nos raríssimos casos de trabalho individual, de sistemas de autoridade e liderança técnica ou econômica, sobretudo na ocasião de trabalhos de grande formato, que precisam ser subdivididos, mas sem perder a unidade, ou então, na distribuição de encargos pelas rendeiras que costumam centralizar encomendas.





Usos e funções, consumo

A característica mais saliente, à primeira vista, quanto a usos, funções e consumo, é que as próprias rendeiras raramente consomem as peças que fabricaram. Trata-se, portanto, de fabricar para terceiros, isto é, de produzir mercadorias -- quase sempre por encomenda. Esclareça-se de imediato que não há qualquer antinomia entre valor cultural e valor econômico (há, sim, entre cultura e mercado). Todo fato cultural tem uma dimensão econômica e todo fato econômico tem uma dimensão cultural. E como a cultura não é um domínio específico ou compartimento da vida social, mas uma dimensão diferencialmente qualificadora de absolutamente qualquer domínio (inclusive o econômico), é preciso rejeitar, como fazem teóricos, quais Harvey Molotch, Roseberry, Thomas e muitos outros, a polaridade, entre aqueles objetos desinteressados, como o dom, por oposição a mercadoria, na qual os dons seriam 'encantados' (como diria Weber), ao contrário da mercadoria. A mercadoria pode, sim, ser 'encantada' -- e a renda de Divina Pastora o demonstra.

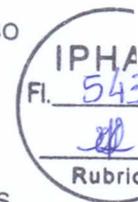
Se, de início, as informações disponíveis apontam a importância da renda de Divina Pastora para adorno de vestimentas litúrgicas, enxovais e vestuário feminino em geral (blusas, saias, p.ex.), hoje, sem exclusão da indumentária, predominam os adornos de objetos domésticos (toalha de mesa, colchas, almofadas, argola para guardanapo, caminho de mesa, passadeira), aos quais se acrescenta uma variedade extensível de outros suportes: capa de liquidificador, capa de celular, fundo de copo, jogos americanos, pano de bandeja ou para garrafa, chapéu, chinelo, sapato, enxoval do bebê, etc.etc. As peças litúrgicas continuam a ser encomendadas (estolas, toalhas de altar, toalhinhas de sacrário) pela Igreja Católica, mas as igrejas evangélicas também já descobriram a serventia da rede nos templos.

O MÉRITO

A proposta de registro em exame não equivale a definir uma hierarquia de valor em relação às demais manifestações similares no país, como no Nordeste, no Ceará, Bahia, Pernambuco ou Alagoas (aliás, há um estudo em curso no DPI sobre o modo de fazer bico e renda singeleza em Marechal Deodoro, AL), ou então, no Sul, a renda de bilro açoriana de Santa Catarina. O que ocorre é que, de um lado, o caso de Divina Pastora reúne condições de qualificação intrínseca e, de outro, o avanço nas pesquisas e análises permitiu comprovar desde já tal qualificação. Nada impede que a continuidade dos inventários e levantamentos justifique propor novos bens para registro.

Que a atividade das rendeiras de Divina Pastora e seus produtos têm relevância local e regional e que tal relevância vem-se consolidando no plano nacional fica suficientemente claro no exame dos dados constantes dos autos.

Divina Pastora e renda irlandesa já são tomados como sinônimos. Mesmo quando está em cena a grande peregrinação anual capaz de atrair 100.000 romeiros, a renda não fica excluída, pelo contrário. O papel identitário que ela desempenha quer em relação à cidade e à região, quer em relação às rendeiras é conspícuo. O peso na economia, igualmente.



O número de rendeiras cadastradas, 122, é pequeno em termos absolutos, mas corresponde a quase 4 e tanto por cento da população – e tende a crescer com as diferentes oportunidades de formação que estão sendo oferecidas (atraindo crianças e adolescentes e, no aperfeiçoamento, adultos) e a valorização cada vez maior dessa atividade.

O interesse das autoridades municipais e estaduais e de vários órgãos federais e entidades privadas (como SEBRAE, Artesanato Solidário, ARTESE, Centro Social D.Távora, Amigos da Arte, Nutrac etc.) vem trazendo benéficos frutos para aprimorar, sobre vários aspectos, a atividade das rendeiras.

Plataforma importante foi a criação em 2000, depois de duas experiências frustradas nas duas décadas anteriores, da Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora. A Associação se propôs resolver problemas já ocorridos com crises no fornecimento de matérias primas (todas fabricadas fora do Estado) e conseguiu reduzir custos ao adquiri-las diretamente dos produtores. Contudo, boa parte do potencial da Associação se mantém inexplorado.

A aceitação da renda de Divina Pastora e de sua área de irradiação só tende a crescer, dentro e fora da região, acentuando sem papel de padrão e modelo. Prova disso são as pesquisas históricas, antropológicas e estéticas, as exposições (a mais antiga foi em São Paulo, 1970), as publicações (a fls. 136 a 157 estão listados quase 70 referências diversas), a presença em feiras nacionais e internacionais e a extensão do mercado para inúmeros estados brasileiros. O caso de Dona Zu (Maria Alaíde da Conceição Carvalho) é significativo: participou de várias feiras nacionais e na Argentina (onde agora reside), Chile, Venezuela, México, Porto Rico, Bolívia, Estados Unidos e Espanha, colecionando 18 premiações internacionais.

Na dimensão nacional, os produtos dessa fecunda atividade das rendeiras de Divina Pastora e sua constelação têm sido cada vez mais valorizados como objeto de fruição estética, no sentido primeiro do termo – estética refere-se ao aguçamento

Divina Pastora e renda irlandesa já são tomados como sinônimos. Mesmo quando está em cena a grande peregrinação anual capaz de atrair 100.000 romeiros, a renda não fica excluída, pelo contrário. O papel identitário que ela desempenha quer em relação à cidade e à região, quer em relação às rendeiras é conspícuo. O peso na economia, igualmente.



O número de rendeiras cadastradas, 122, é pequeno em termos absolutos, mas corresponde a quase 4 e tanto por cento da população -- e tende a crescer com as diferentes oportunidades de formação que estão sendo oferecidas (atraindo crianças e adolescentes e, no aperfeiçoamento, adultos) e a valorização cada vez maior dessa atividade.

O interesse das autoridades municipais e estaduais e de vários órgãos federais e entidades privadas (como SEBRAE, Artesanato Solidário, ARTESE, Centro Social D.Távora, Amigos da Arte, Nutrac etc.) vem trazendo benéficos frutos para aprimorar, sobre vários aspectos, a atividade das rendeiras.

Plataforma importante foi a criação em 2000, depois de duas experiências frustradas nas duas décadas anteriores, da Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora. A Associação se propôs resolver problemas já ocorridos com crises no fornecimento de matérias primas (todas fabricadas fora do Estado) e conseguiu reduzir custos ao adquiri-las diretamente dos produtores. Contudo, boa parte do potencial da Associação se mantém inexplorado.

A aceitação da renda de Divina Pastora e de sua área de irradiação só tende a crescer, dentro e fora da região, acentuando sem papel de padrão e modelo. Prova disso são as pesquisas históricas, antropológicas e estéticas, as exposições (a mais antiga foi em São Paulo, 1970), as publicações (a fls. 136 a 157 estão listados quase 70 referências diversas), a presença em feiras nacionais e internacionais e a extensão do mercado para inúmeros estados brasileiros. O caso de Dona Zu (Maria Alaíde da Conceição Carvalho) é significativo: participou de várias feiras nacionais e na Argentina (onde agora reside), Chile, Venezuela, México, Porto Rico, Bolívia, Estados Unidos e Espanha, colecionando 18 premiações internacionais.

Na dimensão nacional, os produtos dessa fecunda atividade das rendeiras de Divina Pastora e sua constelação têm sido cada vez mais valorizados como objeto de fruição estética, no sentido primeiro do termo -- estética refere-se ao aguçamento

da percepção como veículo de relacionamento do sujeito com o mundo externo. Mas cumpre, também, trazer à tona, no plano nacional – como se espera do registro – os valores humanos envolvidos na produção e difusão desses bens, capazes não só de iluminar o cotidiano das rendeiras e suas comunidades, como também de favorecer em nós o reconhecimento de que tais valores são parte daquilo que nos define historicamente como cultura brasileira.



CONCLUSÃO

À vista de todo o exposto, voto favoravelmente ao deferimento da solicitação, recomendando a inscrição do modo de fazer renda irlandesa (tendo como referência este ofício em Divina Pastora - SE) no Livro de Registro dos Saberes, criado pelo Decreto no.3.551, de 4 de agosto de 2000.

São Paulo, 25 de novembro de 2008

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Ulpiano T. Bezerra de Menezes".

ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES
Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural